O ENSINO DE HISTÓRIA NA 9ª CLASSE A PARTIR DA IMPRENSA DA LUTA DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA: OS PANFLETOS

António Pedro Fernandes Maria
Universidade Estadual do Maranhão
ntonyangonga@gmail.com

SABER & EDUCAR 35 2026

Resumo:

A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a utilização dos panfletos da Luta de Libertação de Angola no ensino de História da 9ªclasse, quando da abordagem do conteúdo programático da Luta de Libertação de Angola. Para a consecução dos objetivos, utilizámos os seguintes métodos: o método bibliográfico, que consistiu na identificação, coleta e análise de publicações que abordam a imprensa angolana no período da Luta de Libertação; o método de análise-síntese, que consistiu na seleção, análise e sistematização dos conteúdos para a pesquisa; e a entrevista não estruturada, realizada com alguns professores de História da 9ª classe do Soyo, com o propósito de averiguar a ocorrência e a natureza da problemática constatada. O estudo tem uma abordagem qualitativa. A estratégia de estudo da história da Luta de Libertação de Angola apresentada é flexível, pois possibilita a adaptação do conteúdo às necessidades dos alunos, a escolha de métodos variados de ensino-aprendizagem, a integração de múltiplas fontes e a exploração de diferentes níveis de análise. Além disso, promove a autonomia do aluno, garantindo que o estudo da Luta de Libertação de Angola seja acessível, envolvente e significativo para todos os alunos da 9ªclasse.

Palavras-chave: Ensino de História. Imprensa. Colonização. Luta de Libertação. Panfletos.

Abstract:

The general objective of this research is to analyze the use of pamphlets from the Angolan War of Liberation in 9th-grade History education, specifically when covering the curriculum regarding that conflict. To achieve these objectives, the following methods were employed: the bibliographic method, involving the identification, collection, and analysis of publications addressing the Angolan press during the liberation struggle; the analysis-synthesis method, involving the selection, analysis, and systematization of research content; and unstructured interviews with 9th-grade History teachers in Soyo, aimed at investigating the occurrence and nature of the identified issue. The study adopts a qualitative approach. The proposed strategy for studying the Angolan War of Liberation is flexible, allowing for the adaptation of content to students' needs, the selection of diverse teaching-learning methods, the integration of multiple sources, and the exploration of different levels of analysis. Furthermore, it fosters student autonomy, ensuring that the study of the Angolan War of Liberation is accessible, engaging, and meaningful for all 9th-grade students.

Keywords: CTeaching History. Press. Colonization. Liberation Struggle. Pamphlets.

DATA DE RECEÇÃO: **14/01/2026**
DATA DE ENVIO PARA REVISÃO: **24/02/2026**

SABER & EDUCAR
ISSN. 1647-2144
DOI. HTTP://DX.DOI.ORG/10.25767/SE.V35I

Este trabalho publica-se sobre a licencia de Commons Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

INTRODUÇÃO

Os panfletos produzidos como instrumentos da Luta pela Libertação de Angola podem ser uma importante fonte histórica para o ensino da História de Angola, bem como para o estudo da história da imprensa angolana e do processo de independência do país.

A presente pesquisa insere-se no propósito de promover o estudo da História da Luta de Libertação de Angola, visando uma aprendizagem significativa nos alunos da 9ªclasse do I Ciclo do Ensino Secundário em Angola. Parte-se de uma abordagem histórica que desperte nos alunos o interesse e a compreensão da imprensa como fonte histórica, tornando como referência os panfletos, que constituem alguns dos materiais utilizados durante a Luta de Libertação de Angola.

Reconhece-se que o professor, de acordo com a sua dinâmica pedagógica, pode recorrer a outros instrumentos didáticos que não foram mencionados nesta proposta metodológica para o ensino do conteúdo da Luta de Libertação de Angola, conteúdo este lecionado na 9ªclasse, de acordo com o currículo angolano.

Durante minha formação escolar, enquanto aluno do ensino básico na província de Luanda, na década de 1990, fui percebendo algumas limitações no processo de ensino e aprendizagem da História da Luta de Libertação de Angola, particularmente no que se refere ao contato dos alunos com fontes históricas produzidas no contexto da própria resistência anticolonial. Entre esses materiais, destacam-se os panfletos, enquanto documentos que expressam discursos, ideias, estratégias de mobilização e diferentes formas de participação dos sujeitos envolvidos na luta.

Essa percepção inicial foi posteriormente reforçada por conversas realizadas com alguns professores de História do 1° Ciclo do Ensino Secundário do município do Soyo. Inicialmente, essas conversas ocorreram de maneira informal, mas, diante da necessidade de aprofundar a questão em foco e de compreender melhor o problema identificado, foi realizada uma entrevista não estruturada, orientada por uma questão central, com o propósito de averiguar a ocorrência e a natureza da problemática constatada. Os diálogos mantidos com os docentes permitiram perceber que esses materiais históricos são pouco explorados como recursos didáticos nas aulas de História, verificando-se uma maior dependência dos livros didáticos e de outras fontes secundárias.

Os panfletos tiveram papel central na mobilização e conscientização da sociedade angolana na época, sendo instrumentos eficazes de difusão de ideias políticas e sociais. A ausência desses materiais no contexto educacional pode comprometer a compreensão dos alunos sobre a Luta de Libertação e limitar a apropriação crítica da história nacional. A 9ªclasse, sendo a classe final do 1° Ciclo do Ensino Secundário em Angola e a etapa que antecede o ensino médio, precisa garantir que os alunos cheguem às series seguintes com bases sólidas.

Diante dessa realidade, surge a questão central desta pesquisa: como a utilização de panfletos da luta de libertação de Angola pode contribuir para o aprimoramento do ensino e aprendizagem da independência de Angola na 9ªclasse?

A investigação parte do pressuposto de que a introdução de fontes históricas primárias, como os panfletos, pode tornar o processo pedagógico mais dinâmico, contextualizado e significativo para os alunos, aproximando-os da experiência histórica vivida pela sociedade angolana durante a Luta de Libertação.

O estudo adota uma abordagem qualitativa, tendo como método principal a pesquisa bibliográfica, compreendida como um procedimento de identificação, recolha e análise de publicações sobre a imprensa angolana durante o período da Luta de Libertação, com destaque para os panfletos. Para o tratamento dos dados, recorreu-se ao método de análise e síntese, o qual possibilitou a seleção, organização e interpretação dos conteúdos pertinentes à temática investigada. Adicionalmente, foi utilizado o método sistémico estrutural-funcional, o qual permitiu a elaboração de uma estratégia de estudo dos panfletos em contexto de sala de aula, a partir da História da Luta de Libertação de Angola.

A presente pesquisa tem como objetivo geral, analisar a utilização dos panfletos da Luta de Libertação de Angola no ensino de História da 9ªclasse, no âmbito da abordagem do conteúdo programático da Luta de Libertação de Angola. E tem como objetivos específicos: 1. Descrever os fundamentos teóricos que sustentam o papel dos panfletos na Luta de Libertação nacional. 2. Propor estratégia de estudo dos panfletos da Luta de Libertação de Angola na sala de aula da 9ªclasse quando da abordagem da História da Luta de Libertação de Angola.

PANFLETO POLÍTICO: CONCEPTUALIZAÇÃO E CARATERÍSTICAS

Panfleto é um meio de divulgação de uma ideia ou marca, feito de papel e fácil de se manusear, guardar, esconder ou eliminar. Por seu baixo custo é muito utilizado para atingir grandes públicos em pouco tempo. Pode ser mimeografado ou impresso, com ou sem imagem, instigando o leitor a pensar, discutir e agir na vida prática (Carneiro, 2020).

O panfleto é um material que pode ser lido rapidamente e ser guardado, enrolado ou dobrado. Por esta particularidade, favorece as ações políticas oficiais ou clandestinas. Um panfleto político é, quase sempre, portador de uma mensagem relâmpago que, por sua natureza espontânea, causa impacto e mobiliza as massas.

Geralmente confeccionado em uma única folha de papel, o panfleto tem poder de convocação, de chamada, de denúncia ou de alerta. Ao mesmo tempo é coletivo e introspetivo, favorecendo a inserção social de certas individualidades, pois os textos e as imagens traduzem particularmente as visões de mundo do autor do panfleto, além de refletir perspectivas coletivas e político-partidárias (Carneiro, 2020).

Panfletos políticos de luta pela liberdade são materiais usados para defender direitos, denunciar opressões e mobilizar pessoas contra regimes autoritários, injustiças ou falta de liberdade civis (Sanyal, 2014).

Os panfletos elaborados no âmbito da Luta pela Libertação de Angola distinguem-se pela predominância de textos breves, com forte caráter mobilizador, e por um uso restrito de recursos imagéticos. Ao privilegiarem uma leitura rápida e direta, esses materiais discursivos interpelam o indivíduo e o incitam à ação política, buscando romper com a apatia consolidada pelo discurso oficial do governo ditatorial. A estrutura textual baseia-se em frases breves e em um vocabulário oriundo do linguajar popular, por meio do qual se denunciam as injustiças sociais e políticas. Desse modo, a informação é veiculada por uma linguagem acessível, capaz de facilitar a compreensão e favorece a mobilização das massas populares.

A FUNÇÃO DOS PANFLETOS NA LUTA PARA LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

A maior parte dos panfletos da Luta de Libertação de Angola foi produzida no período de 1950 a 1960, pelas razões que se enunciam a seguir:

Em primeiro lugar, década de 1950 marcou o surgimento e a consolidação dos principais movimentos nacionalistas angolanas, como a UPNA[1] (União das Populações do Norte de Angola fundada em 1954), MPLA (fundado em1956) e outros grupos políticos clandestinos. Nesse período, a luta ainda não era predominantemente armada, o que fez com que os panfletos fossem um dos principais meios de mobilização política, consciencialização popular e denúncia do colonialismo português. A propaganda escrita era essencial para difundir ideias nacionalistas, apelar à união dos angolanos e incentivar a resistência.

Em segundo lugar, as condições de clandestinidade favoreceram o recurso aos panfletos. Durante a década de 1950, a repressão colonial era particularmente intensa, enquanto a luta armada ainda não havia sido iniciada oficialmente. Nesse contexto, os movimentos nacionalistas recorreram amplamente a meios de comunicação simples, baratos e de fácil difusão, como os panfletos, utilizados tanto no interior de Angola como no exterior, especialmente em países africanos e europeus.

A partir da década de 1960, sobretudo após 1961, com o início da luta armada, as estratégias dos movimentos de libertação mudaram. A prioridade

1-Em 1958 a UPNA passou a chamar-se UPA (União das Populações de Angola). A UPA em 1962 passa a designar-se FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) (Milagre, 2016).

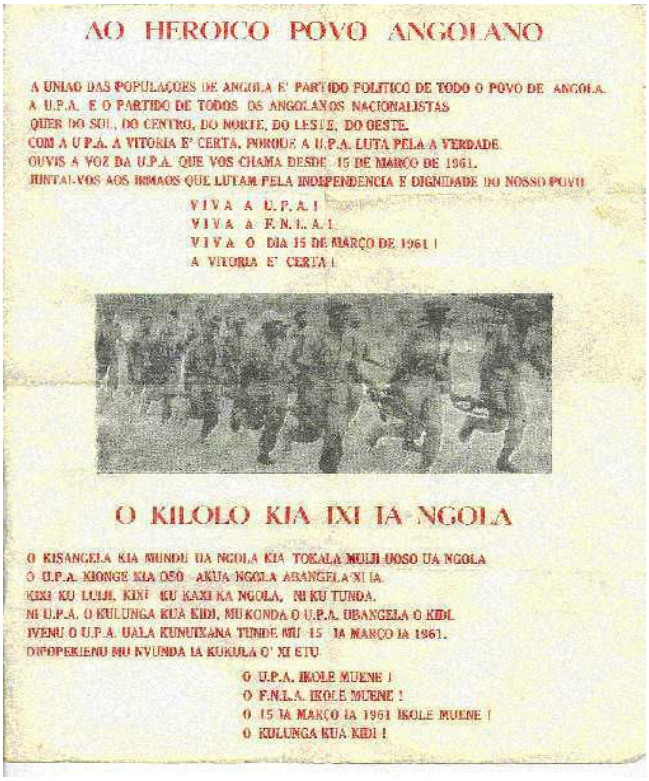
passou a ser a organização militar, o treino de guerrilheiros e a obtenção de apoio internacional. Embora os panfletos continuassem a existir, outros meios de propaganda ganharam maior destaque, como emissões radiofónicas, comunicados oficiais e ações diplomáticas, reduzindo relativamente o papel central dos panfletos.

O contexto internacional dos anos 1950, marcado pelo avanço dos movimentos de descolonização em África e pelo apoio ideológico do pan-africanismo, incentivou fortemente a produção de materiais escritos. Os panfletos serviam para explicar as causas da luta, legitimar a independência e sensibilizar tanto a população local quanto a opinião pública internacional.

Durante o período da Luta Libertação em Angola (final dos anos 1950 até início dos anos 1960), a UPA (União dos Povos de Angola) produziu panfletos para mobilizar, explicar motivos da luta e divulgar mensagens políticas aos angolanos. Um panfleto histórico da UPA chamado "Estímulo dirigido a adeptos da associação e a angolanos em geral foi documentado em estudos sobre a comunicação política do movimento nessa fase inicial da luta armada (Bungo, 2015).

Os panfletos eram impressos e distribuídos clandestinamente, em um contexto marcado pela forte atuação da PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado), que exerceu funções de vigilância e repressão política em Portugal e nas colônias entre 1945 e 1969, e, posteriormente, da PIDE/DGS (Direção de Segurança), criada em 1969 em substituição à PIDE e extinta em 1974. Esses órgãos de polícia política exerciam funções de vigilância, investigação e repressão, procurando impedir a circulação de propaganda e de ideias consideradas contrárias ao regime colonial português (Mendonça, 2018).

A UPA foi um dos primeiros movimentos a iniciar ações armadas e políticas contra o colonialismo português, nomeadamente com a revolta de 15 de março de 1961 no norte de Angola. Em 1962, a UPA muda a designação para FNLA (Frente Nacional para a Libertação de Angola). Os panfletos e brochuras foram meios essenciais de comunicação política deste movimento antes da utilização mais ampla de rádios e jornais clandestinos. Na Figura 1 temos um dos panfletos da UPA/FNLA.


AO HEROICO POVO ANGOLANO

A UNIAO DAS POPULAÇÕES DE ANGOLA E' PARTIDO POLITICO DE TODO O POVO DE ANGOLA.
A U.P.A. E O PARTIDO DE TODOS OS ANGOLANOS NACIONALISTAS
QUER DO SUL, DO CENTRO, DO NORTE, DO LESTE, DO OESTE.
COM A U.P.A. A VITORIA E' CERTA, PORQUE A U.P.A. LUTA PELA A VERDADE.
OUVIS A VOZ DA U.P.A. QUE VOS CHAMA DESDE 15 DE MARÇO DE 1961.
JUNTAI-VOS AOS IRMAOS QUE LUTAM PELA INDEPENDENCIA E DIGNIDADE DO NOSSO POVO

VIVA A U.P.A.!
VIVA A F.N.L.A.!
VIVA O DIA 15 DE MARÇO DE 1961!
A VITORIA E' CERTA!

O KILOLO KIA IXI IA NGOLA

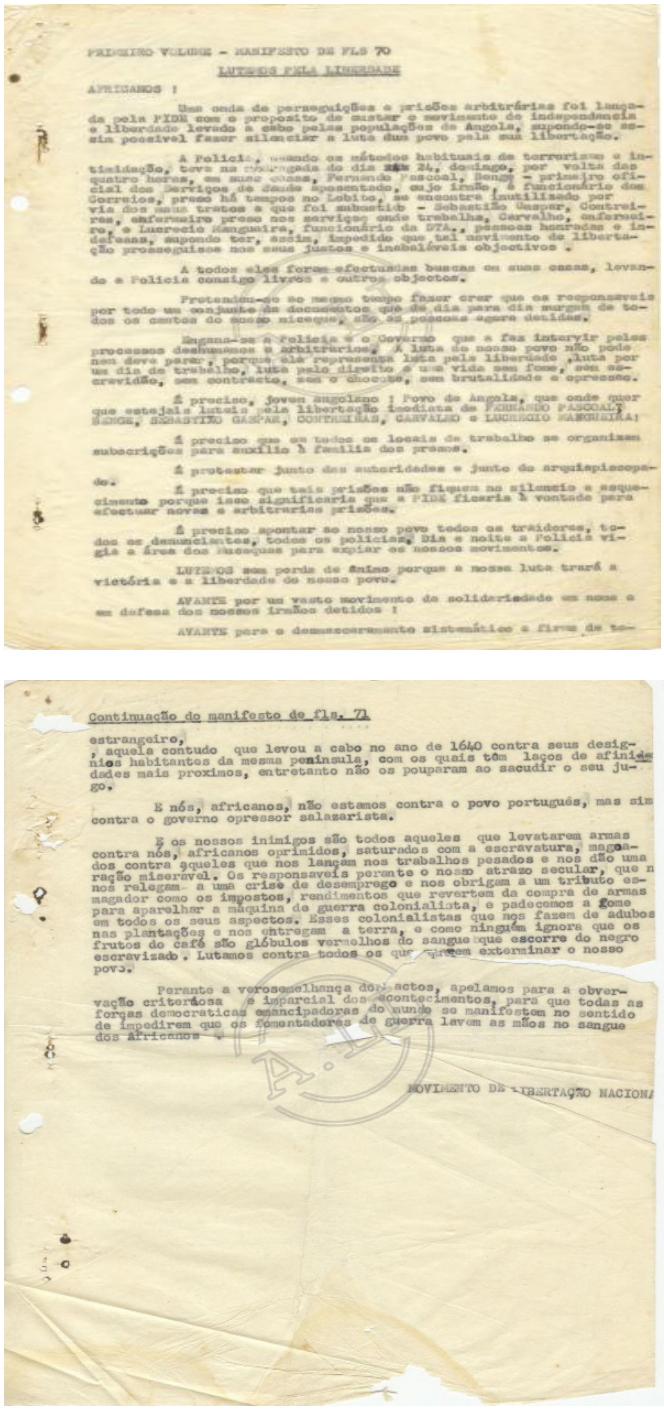
O KISANGELA KIA MUNDU UA NGOLA KIA TOKALA MUIH UOSO UA NGOLA
O U.P.A. KIONGE KIA OSO AKUA NGOLA ARANGELA XI IA
KIXI KU LUIH, KIXI KU KAXI KA NGOLA, NI KU TUNDA.
NI U.P.A. O KULUNGA KUA KIDI, MU KONDA O U.P.A. UBANGELA O KIDI.
IVENU O U.P.A. UALA KUNUIXANA TUNDE MU 15 IA MARÇO IA 1961.
DIPOPEKIENU MU KVUNDA IA KUKULA O' XI ETU.

O U.P.A. IKOLE MUENE!
O F.N.L.A. IKOLE MUENE!
O 15 IA MARÇO IA 1961 IKOLE MUENE!
O KULUNGA KUA KIDI!

Figura 1: Ao heroico povo angolano. https://cc3413.wordpress.com/tag/guerra-psicologica/

Em sua maioria, esses panfletos compunham, em conjunto com outros escritos e meios de comunicação da época, uma verdadeira guerra literária e propagandística conduzida pelos grupos nacionalistas angolanos contra as autoridades coloniais portuguesas. Tais materiais defendiam não apenas a mobilização e a participação popular na luta anti-imperialista em Angola, por meio da organização de guerrilhas, mas também a conquista de uma independência plena, em oposição à proposta de independência parcial ainda sustentada pelas autoridades portuguesas (Cunha, 2011).

Na Figura 2 temos o Panfleto do Movimento de Libertação de Angola (MLA) "Lutemos pela Liberdade" de duas folhas.



PRIMEIRO VOLUME - MANIFESTO DE FLS 70

LUTEMOS PELA LIBERDADE

AFRICANOS !

Uma onda de perseguições e prisões arbitrárias foi lançada pela PIDE com o propósito de matar o movimento de independência e liberdade levado a cabo pelas populações de Angola, supondo-se assim possível fazer silenciar a luta dum povo pela sua libertação.

A Polícia, usando os métodos habituais de terrorismo e intimidação, teve na madrugada do dia 24, domingo, por volta das quatro horas, em suas casas, Fernando Pascoal, Benge - primeiro oficial dos Serviços de Saúde Aposentado, cujo irmão, é funcionário dos Correios, preso há tempos no Lobito, se encontra inutilizado por via dos maus tratos a que foi submetido - Sebastião Gaspar, Contreiras, enfermeiro preso nos serviços onde trabalha, Carvalho, enfermeiro, e Lucrecio Mangueira, funcionário da DTA., pessoas honradas e indefesas, supondo ter, assim, impedido que tal movimento de libertação prosseguisse nos seus justos e inabaláveis objectivos .

A todos eles foram efectuadas buscas em suas casas, levando a Polícia consigo livros e outros objectos.

Pretendendo-se ao mesmo tempo fazer crer que os responsáveis por todo um conjunto de documentos que de dia para dia surgem de todos os cantos do nosso mieseque, são os pessoas agora detidas.

Engana-se a Polícia e o Governo que a faz intervir pelos processos desumanos e arbitrários. A luta do nosso povo não pode nem deve parar, porque ela representa luta pela liberdade ,luta por um dia de trabalho, luta pela direito a uma vida sem fome, sem escravidão, sem contracto, sem o chicote, sem brutalidade e opressão.

É preciso, Jovem Angolano ! Povo de Angola, que onde quer que estejais lutais pela libertação imediata de FERNANDO PASCOAL, BENGE, SEBASTIÃO GASPAR, CONTREIRAS, CARVALHO e LUCRECIO MANGUEIRA!

É preciso que em todos os locais de trabalho se organizem subscrições para auxílio à família dos presos.

É protestar junto das autoridades e junto do arquipiscopado.

É preciso que tais prisões não fiquem no silencio e esquecimento porque isso significaria que a PIDE ficaria à vontade para efectuar novas e arbitrarias prisões.

É preciso apontar ao nosso povo todos os traidores, todos os denunciantes, todos os policias; Dia e noite a Polícia vigia a área dos mancques para expiar os nossos movimentos.

LUTEMOS sem perda de tempo porque a nossa luta trará a vitória e a liberdade do nosso povo.

AVANTE por um vasto movimento de solidariedade em nosso a em defesa dos nossos irmãos detidos !

AVANTE para o desmascaramento sistemático e firme de to-

Continuação do manifesto de fls. 71

estrangeiro,
, aquela contudo que levou a cabo no ano de 1640 contra seus desig-
nios habitantes da mesma peninsula, com os quais têm laços de afinida-
dades mais proximos, entretanto não os pouparam ao sacudir o seu ju-
go.

E nós, africanos, não estamos contra o povo português, mas sim contra o governo opressor salazarista.

E os nossos inimigos são todos aqueles que levatarem armas contra nós, africanos oprimidos, saturados com a escravatura, magoados contra aqueles que nos lançam nos trabalhos pesados e nos dão uma ração miserável. Os responsáveis perante o nosso atraso secular, que nos relegam a uma crise de desemprego e nos obrigam a um tributo esmagador como os impostos, rendimentos que revertem da compra de armas para aparelhar a máquina de guerra colonialista, e padecemos a fome em todos os seus aspectos. Esses colonialistas que nos fazem de adubos nas plantações e nos entregam a terra, o como ninguém ignora que os frutos do café são glóbulos vermelhos do sangue que escorre do negro escravisado. Lutamos contra todos os que querem exterminar o nosso povo.

Perante a verosemelhança dos actos, apelamos para a observação criteriosa e imparcial dos acontecimentos, para que todas as forças democraticas emancipadoras do mundo se manifestem no sentido de impedirem que os fomentadores de guerra lavem as mãos no sangue dos Africanos

MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

Figura 2: Volume - O Manifesto de FLS 70. https://www.tchiweka.org/documento-textual/001600048

De forma clandestina, os patriotas distribuíam panfletos para mobilizar a população face à necessidade de luta pela independência. Essa distribuição era feita à noite, para os seus autores não serem apanhados pela PIDE/DGS (Polícia Internacional e de Defesa do Estado/Direção Geral de Segurança). Para levarem a cabo essas ações, os patriotas estavam organizados em grupos, que se subdividiam em células compostas por 3 ou 4 elementos. Entre outros grupos, havia o Bota Fogo, o Espalha Brasa ou grupo dos enfermeiros e o grupo do ELA – Exército de Libertação de Angola, que também era a junção das primeiras iniciais dos pseudónimos de António Pedro Benge (Ernest Guendes), de Fernando Pascoal da Costa (Luzerna Pinto Mendes) e de Joaquim de Figueiredo (Arnaldo Goreva). Estes grupos, muitas vezes disfarçados de clubes desportivos ou recreativos, planeavam e realizavam ações políticas clandestinas que visavam difundir os ideais nacionalistas entre os angolanos (Cunha, 2011).

Segundo João Fialho da Costa, em cada célula havia uma única pessoa encarregue pelo contato com outras células, para circulação de informação. Ainda segundo esse nacionalista, o grupo Espalha Brasa tinha ligação com o grupo ELA, que era também conhecido por "Grupo dos mais velhos" (integrado, dentre outros, por Sebastião Gaspar Domingos, Fernando Pascoal da Costa e António Pedro Benge[2].) Já segundo Agostinho Mendes de Carvalho, através de correspondência e da rádio, o grupo tinha conhecimento do que se passava no exterior de Angola. Por ser integrado por mais velhos, o ELA tinha mais experiência e mais contatos em relação aos demais grupos. Também tinha influência nas igrejas Católica e Metodista, de modo que através de missionários metodistas enviavam cartas e documentos para os Estados Unidos da América, espelhando a situação de Angola (Cunha, 2011).

As reuniões clandestinas, a distribuição de panfletos, o envio de correspondência para o exterior, as viagens dentro e para fora de Angola e a mobilização da população eram arquitetados de forma que as autoridades coloniais não se apercebessem das

2 - Sebastião Gaspar Domingos: nasceu em Cassoneca, Luanda, a 4 de março de 1899. Empregado comercial, foi preso em 1959 pela PIDE no âmbito do "Processo dos 50", acusado de integrar o clandestino Grupo ELA e de participar na denúncia internacional da opressão colonial em Angola. Julgado pelo Tribunal Territorial, foi condenado a quatro anos de prisão maior e à suspensão dos direitos políticos. Deportado para o Campo do Tarrafal em 1962, saiu em liberdade condicional em dezembro de 1968.
Fernando Pascoal da Costa: nasceu em Luanda a 2 de junho de 1890, foi funcionário do Caminho-de-Ferro de Luanda. Preso pela PIDE em 1959 no âmbito do "Processo dos 50", era um dos líderes mais antigos do grupo independentista clandestino ELA. Participou na tentativa de envio para o Gana de um relatório sobre a opressão colonial, assinado com o pseudónimo "Luzerna Pinto Mendes". Condenado em 1960 a nove anos de prisão maior, com suspensão de direitos políticos, foi considerado "irrecuperável", apesar da idade e do bom comportamento. Esteve detido no Campo do Tarrafal entre 1962 e 1969, saindo em liberdade condicional a 02-06-1969.
António Pedro Benge: nasceu em Cabinda a 9 de outubro de 1902. Militante dos primeiros movimentos nacionalistas angolanos, integrou o ELA – Exército de Libertação de Angola. Preso em 1959 no âmbito do "Processo dos 50", após a tentativa de envio ao Gana de um relatório denunciando a opressão colonial, foi condenado a 10 anos de prisão. Em 1962, aos 60 anos, foi deportado para o Campo de Concentração do Tarrafal, em Cabo Verde.

manobras que eram feitas em prol da liberdade. A separação dos integrantes dos grupos por células clandestinas era uma medida para dificultar a ação da polícia política.

Apesar de tanto esforço, a PIDE conseguia introduzir nesses grupos informadores que, fazendo-se passar por patriotas, acusavam os nacionalistas denunciando as suas ações. Até hoje, é difícil aos integrantes do "Processo dos 50"[3] identificarem quem terão de fato sido os informadores da PIDE. A verdade é que as denúncias contribuíam para enfraquecer a luta, pois causavam confusão e desconfiança no seio dos patriotas (Cunha, 2011).

Eram constantes as perseguições da PIDE aos patriotas e àqueles que a eles estavam ligados. Segundo Matrosse (2005, p.28), no seu livro Memórias, "as perseguições por parte da PIDE/DGS faziam-se sentir por toda a parte, em todos os locais: nas escolas, ruas, serviços públicos, estabelecimentos comerciais, especialmente nos musseques, quimbos ou bualas[4]". Diante dessa situação, a clandestinidade usando panfletos foi uma as melhores formas de levar adiante as ações de contestação contra o colonialismo.

Ao mesmo tempo que havia ação política clandestina, foi também na clandestinidade que se desenvolveu uma literatura que expressava o desejo de liberdade dos africanos e denunciava os maus-tratos, o sofrimento e a discriminação. Tais obras literárias incentivavam os africanos a lutar contra o regime colonial português, na medida em que serviam para consciencializar e mobilizar os africanos em prol da causa independentista. Esse processo de formação da literatura angolana visava a negação da influência da literatura e da cultura portuguesa (Cunha, 2011).

Segundo Mendes de Carvalho, João Fialho da Costa e João Manuel Lisboa, foi devido a uma denúncia que João Manuel Lisboa foi preso no aeroporto de Luanda, no dia 28 de Março de 1959, dando início a uma série de prisões políticas. Tinha então 19 anos e foi preso quando pretendia viajar para Léopoldville, onde vivia com a sua tia. Depois de ter sido impedido de entrar no avião, foi levado discretamente pela PIDE e submetido a revista e interrogatório. Foi encontrado nos seus pertences um documento da autoria do ELA, que deveria ser entregue a Armando Ferreira da Conceição, que trabalhava no Consulado de Portugal em Léopoldville. Importa referir que a criação e distribuição de panfletos já se fazia na clandestinidade por elementos dos grupos Espalha Brasa, Bota Fogo, ELA e por indivíduos ligados, dentre outros, ao MIA (Movimento para a Independência de Angola), MLA (Movimento de Libertação de Angola) (Rocha, 2003).

Da grande imprensa aos mais artesanais panfletos, dependendo da formação pessoal, dos meios técnicos à disposição e da capacidade difusora, os que defendiam uma causa recorriam a imagens mais ou menos artísticas, mais ou menos elaboradas, para comunicar ideias e incentivar ações.

Em Angola, os membros de organizações clandestinas trabalhavam com o que conseguiam arranjar para fazer os panfletos ou reproduzir textos de interesse e, naturalmente, as preocupações estéticas ficavam em segundo plano face à necessidade de conseguir a boa legibilidade e o aproveitamento máximo do espaço, pois obter papel era difícil e arriscado. A força das circunstâncias introduzia algumas originalidades. Por exemplo, ao usar o mimeógrafo a álcool produziam-se textos em azul, ao contrário da tinta preta do mimeógrafo (policopiador) clássico e isso dependia, de facto, do que se conseguia discretamente comprar ou "tomar de assalto" nos stocks das escolas, por exemplo. Muitas vezes, para panfletos curtos, o recurso era o mais simples possível: uma caligrafia disfarçada e um desenho apenas esboçado (Lara, 1997).

A partir do grafismo simples e do linóleo, o material gráfico que acompanhou a luta de libertação evoluiu para formas mais elaboradas e técnicas de impressão mais complexas, mas essas só estavam disponíveis nas bases de retaguarda em países vizinhos ou em grandes centros mundiais, onde a luta pela independência tinha amigos solidários.

O cartaz do "Angola Comité" de Amsterdam constitui uma das múltiplas manifestações de apoio promovidas por este grupo, cujos membros holandeses tinham os seus nomes divulgados. Embora os autores fossem geralmente identificáveis, nem sempre assinavam as suas produções, o que explica a existência de textos anónimos e não datados. No entanto, é possível situar

3 - Foi designado Processo dos 50 um conjunto de três processos políticos que se iniciaram a 29 de março de 1959 com as prisões de vários nacionalistas angolanos, terminando em 24 de agosto do mesmo ano com a última prisão. Deve-se esse nome ao facto de Joaquim Pinto de Andrade ter enviado para o seu irmão que vivia no exterior, Mário Coelho Pinto de Andrade, um folheto denunciando a prisão de 50 nacionalistas (Medina, 2005).

4 - Musseques: são bairros populares em Angola, particularmente nas grandes cidades, como Luanda. Sua formação está intimamente ligada ao rápido crescimento urbano e à migração de pessoas do interior para a capital em busca de oportunidades de trabalho, ocorrendo, muitas vezes, sem o devido planejamento urbano.
Quimbos ou Bualas: no contexto angolano refere-se aldeias ou zonas rurais.

este material em meados da década de 1960 (Lara, 1997). O uso dos panfletos como arma para despertar o povo angolano foi usado em todo território angolano, embora ter havido muita gente sem o domínio da leitura, os panfletos com imagens desenhadas de símbolos de libertação, ajudaram na interpretação da informação contida no instrumento de informação.

ESTRATÉGIA DE ESTUDO DA HISTÓRIA DA LUTA DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA ATRAVÉS DOS PANFLETOS DA DÉCADA DE 1950 E 1960

Na abordagem do conteúdo Luta de Libertação de Angola, é preciso que o professor enfatize que os panfletos, além de instrumento de combate, são também instrumento de comunicação. É importante salientar que a História, enquanto área do conhecimento, desempenha um papel relevante na formação intelectual dos alunos, podendo contribuir para a sua motivação e posterior escolha de áreas afins, como o Jornalismo, a Comunicação Social, as Relações Públicas, a Sociologia, a Antropologia, a Cartografia Social, entre outras. O conteúdo Luta de Libertação de Angola possibilita esta dinâmica. O panfleto é um texto do cotidiano, por isso, é uma boa ferramenta didática para o ensino de História.

Este conteúdo pode ser abordado no Tema 6: A descolonização dos territórios portugueses: as guerras de Libertação e as independências – o caso de Angola. Um dos temas do Programa da disciplina de História da 9ªclasse de Angola.

Uma estratégia para lecionar o conteúdo Luta de Libertação de Angola transmitindo as informações sobre o uso dos panfletos na luta para independência, é o professor de História convidar em uma das aulas o professor de Língua Portuguesa para explanar sobre os tipos de panfletos, realizando os dois professores uma aula interdisciplinar; Esta é, assim, a primeira fase ou fase introdutória para o ensino do conteúdo

Luta de Libertação para Independência de Angola. O professor de História vai se preocupar especificamente com o percurso histórico dos panfletos na luta para independência de Angola. Mas, precisa-se convidar o professor de Língua Portuguesa com muita antecedência e o professor de História deve planejar com muita antecedência esta aula interdisciplinar, incluindo o assunto no plano a médio ou a longo prazo.

Sobre os panfletos utilizados na Luta de Libertação de Angola, pode-se planejar na segunda fase a Aula de Grupo, dividindo a turma em dois grupos: o Primeiro Grupo, pode ter como responsabilidade trazer informações sobre os tipos de panfletos, definindo o conceito panfleto e explicando cada tipo de panfleto; para depois ser debatido na Aula de Grupo. O Segundo Grupo pode levar alguns extratos de panfletos da Luta de Libertação Nacional para análise, para depois ser debatido na Aula de Grupo.

A Aula de Grupo pode ser realizado em 90 minutos, reservando 10 minutos para fase introdutória da aula; 15 minutos de exposição para cada grupo; para pergunta e resposta 15 minutos para cada grupo; 20 minutos de consolidação do conteúdo por parte do professor, para analisar a exposição feita pelos alunos (acrescentar o que for necessário).

Depois da exposição de um grupo, os membros do outro grupo podem fazer as perguntas tendo em conta o conteúdo exposto; e o professor poderá fazer algumas perguntas e consolidar as respostas dos alunos.

Após a aula de grupo, pode-se selecionar alguns alunos da 9ªclasse com ajuda do professor de História para se criar um jornal mural, fazendo exposição dos panfletos utilizados na Luta de Libertação de Angola. Procura-se, deste modo, estimular a arte de bem escrever a história, a partir do processo de ensino e aprendizagem da história da Luta de Libertação de Angola.

Os métodos a serem usados nesta aula são: expositivo, elaboração conjunta, interrogativo (ou socrático), debate e discussão.

Segundo Nérice (1967, p. 141), "Os métodos e técnicas de ensino constituem partes essenciais da metodologia didática de que se vale o professor, para conduzir o educando a integrar, no seu comportamento, conhecimentos, técnicas, habilidades, hábitos e atitudes que hão de enriquecer a sua personalidade.

"Para que o método didático conduza o aluno a uma aprendizagem efetiva, é necessário que este seja adequado à sua estrutura psicológica e à estrutura lógica de um determinado conteúdo programático (Gonçalves, 1984, p. 119). "Mediante o método, docente e matéria se adequam ao aluno (Titone, 1968, como citado em Gonçalves, 1984, p. 119).

As citações de Gonçalves (1984) e Titone (1968) destacam que o método didático não deve ser entendido apenas como um conjunto de técnicas utilizadas pelo professor, mas como um elemento fundamental para favorecer a aprendizagem do aluno. Para que o processo educativo seja efetivo, é necessário considerar tanto as características psicológicas do aluno quanto a natureza do conteúdo que será ensinado. Isso significa reconhecer que os alunos possuem diferentes níveis de desenvolvimento, conhecimentos prévios, ritmos e formas de aprender, enquanto cada conteúdo apresenta uma estrutura própria que exige determinadas formas de abordagem.

Nesse sentido, a afirmação de que "mediante o método, docente e matéria se adequam ao aluno evidencia o papel mediador do professor. Cabe ao docente selecionar e organizar estratégias, recursos e atividades que possibilitem ao aluno estabelecer relações significativas com o conhecimento. Assim, o método não deve ser rígido ou aplicado de maneira uniforme, mas adaptado às necessidades dos alunos e aos objetivos de aprendizagem.

Portanto, a escolha do método didático deve resultar da articulação entre professor, aluno e conteúdo. Quando essa relação é adequadamente estabelecida, o ensino deixa de ser uma simples transmissão de informações e passa a promover a participação ativa do aluno na construção do conhecimento. Dessa forma, a adequação metodológica contribui para uma aprendizagem mais significativa, consciente e efetiva.

O método Expositivo é uma estratégia de ensino e aprendizagem em que o professor apresenta e organiza os conteúdos de forma oral e sistemática, conduzindo a aprendizagem principalmente por meio da explicação (Libâneo, 2013).

Para Stocker (1973), o método expositivo é uma das formas de organizar a atividade docente, de modo que aprendizagem do aluno se efetive. Sua característica essencial consiste na comunicação verbal por parte do professor, em forma de narração ou de demonstração.

O método de Elaboração Conjunta é uma abordagem pedagógica do processo de ensino e aprendizagem em que professor e alunos constroem juntos o conhecimento, por meio do diálogo, da problematização e da participação ativa dos alunos (Libâneo, 2013).

Segundo Santos et al. (2022, p. 10):

A elaboração conjunta supõe um conjunto de

condições prévias, tais como: a incorporação pelos alunos dos objetivos a atingir, o domínio de conhecimentos básicos ou a disponibilidade pelos alunos de conhecimentos e experiências que, mesmo não estando sistematizados, constituem pontos de partida para o trabalho de elaboração conjunta.

A elaboração conjunta pressupõe condições prévias, porque a construção do conhecimento ocorre de forma mais significativa quando os alunos compreendem os objetivos da aprendizagem e possuem conhecimentos ou experiências anteriores que possam servir como ponto de partida para novas descobertas. Nesse processo, o professor atua como mediador, estimulando a participação, o diálogo, a reflexão e a troca de ideais entre os alunos. Assim, quanto maior for o envolvimento dos alunos e sua capacidade de relacionar os novos conteúdos aos conhecimentos que já possuem, maiores serão as possibilidades de uma aprendizagem ativa, crítica e significativa.

O método Interrogativo (ou método Socrático) no processo de ensino e aprendizagem é uma estratégia pedagógica baseada no uso sistemático de perguntas para conduzir o aluno à construção do conhecimento, em vez de apenas transmitir conteúdos prontos (Libâneo, 2013).

De acordo com Muniz e Lima (2023), o método Interrogativo, também denominado método socrático, constitui uma abordagem de ensino fundamentada no questionamento, no diálogo e na reflexão crítica. Sua origem remonta a Sócrates, filósofo grego que utilizava perguntas sucessivas para levar seus interlocutores a examinar suas próprias ideias, identificar contradições e aprofundar a compreensão sobre determinado assunto.

Apesar das suas potencialidades, o método Interrogativo ou Socrático exige preparação por parte do professor. Perguntas mal formuladas, excessivamente fáceis ou desconectadas dos objetivos da aula podem não produzir reflexão significativa. Também é necessário considerar o nível de conhecimento dos alunos, o tamanho da turma e o tempo disponível.

Outra questão importante é evitar que o professor utilize o questionamento apenas para conduzir os alunos à resposta que ele próprio considera correta. O verdadeiro potencial do método está em criar um espaço de investigação e reflexão, no qual diferentes argumentos possam ser analisados criticamente.

Debate no processo de ensino e aprendizagem é uma estratégia pedagógica baseada no diálogo, na troca de ideias e na argumentação entre alunos (e professor), com o objetivo de construir conhecimento de forma ativa e crítica (Freire, 1996; Libâneo, 2013). No debate, os participantes defendem posições opostas e tentam convencer os outros com argumentos. Cada lado defende seu ponto de vista. O objetivo é persuadir e convencer os outros. Ao contrário de uma simples conversa, o debate é organizado e competitivo, visando exercitar argumentação e persuasão.

A Discussão no processo de ensino e aprendizagem é uma estratégia pedagógica ativa em que professores e alunos constroem o conhecimento por meio do diálogo, da troca de ideias e da análise coletiva de um tema, problema ou situação. Para que o processo seja eficaz, o professor atua como mediador, propondo questões, direcionando o diálogo e sistematizando as ideias apresentadas (Mizukami, 1986). Na discussão, os participantes trocam ideias para compreender melhor o tema. Todos colaboram para explorar o assunto juntos. O objetivo é aprender com diferentes opiniões. As ideias são compartilhadas sem competição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maior parte dos panfletos da Luta de Libertação de Angola foi produzida entre 1950 e 1960, porque esse foi o período de maior necessidade de mobilização política, formação de consciência nacional e propaganda escrita, antes da intensificação da luta armada na década seguinte.

Os panfletos configuraram-se como instrumentos fundamentais na disseminação de informações e no processo de mobilização política, desempenhando um papel relevante no despertar da consciência coletiva para a luta. Os indivíduos alfabetizados atuavam como mediadores do conhecimento, transmitindo as informações contidas nesses materiais aos demais angolanos. Ademais, o uso de recursos imagéticos nos panfletos ampliava seu alcance comunicativo,

possibilitando a interpretação das mensagens por aqueles que não dominavam a leitura escrita.

Desse modo, os panfletos são fontes históricas e podem constituir recursos didático-pedagógicos relevantes para o ensino de História, uma vez que permitem a contextualização dos acontecimentos históricos, das ideologias e dos projetos políticos. No âmbito educacional, esses materiais contribuem para a construção do conhecimento histórico, permitindo práticas pedagógicas pautadas na interação, no diálogo e na reflexão crítica.

A estratégia de ensino e aprendizagem da história da Luta de Libertação de Angola apresentada é flexível, pois possibilita a adaptação do conteúdo às necessidades dos alunos, a escolha de métodos variados de ensino e aprendizagem, a integração de múltiplas fontes e a exploração de diferentes níveis de análise. Além disso, promove a autonomia do aluno, garantindo que o estudo da Luta de Libertação de Angola seja acessível, envolvente e significativo para todos os alunos da 9ªclasse.

Referências

Bungo, M. M. (2015). *O pensamento político de Agostinho Neto no contexto da luta de libertação nacional em Angola*. [Dissertação de mestrado. Lisboa: ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa]. http://hdl.handle.net/10071/10384.

Carneiro, M. L. T. (2020). *Impressos subversivos: Arte, cultura e política no Brasil 1924 – 1964*. FAPESP.

Cunha, A. (2011). Processo dos 50: Memórias da luta clandestina pela independência de Angola. *Revista Angolana de Sociologia*, v. 8, p. 87–96. http://journals.openedition.org/ras/543.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra.

Gonçalves, Maria Augusta Salin. (1984). *O método expositivo*. Kinesis, número especial, 119–141. https://doi.org/10.5902/2316546410352.

Lara, L. (1997). *Um amplo movimento: Itinerário do MPLA através de documentos e anotações*. Edição do autor.

Libâneo, J. C. (2013). *Didática*. Cortez.

Matrosse, D. (2005). *Memórias (1961–1971)*. Nzila.

Medina, M. do C. (2005). *Angola: processos políticos da luta pela independência*. Almedina.

Mendonça, A. G. (2018). O salazarismo e a PIDE: Política de repressão em Angola. *Faces da História, 5(2)*, 297–315. https://pem.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/1233.

Milagre, C. D. A. (2016). *A UPA e o processo de Luta anti-colonial nas obras de John Marcum*. [Monografia de graduação Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira]. Repositório Institucional da UNILAB. https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2834/1/monografia-final.pdf.

Mizukami, M. G. N. (1986). *Ensino: as abordagens do processo*. EPU.

Muniz, D. M. S., & Lima, M. L. M. (2023). Breve reflexão sobre o desenvolvimento humano e alguns pressupostos socráticos para a formação de professores. *Revista de Ciências da Educação*, 2(52).

Nérici, I. G. (1967). *Introdução à didática geral: Dinâmica da escola* (5ª ed.). Fundo de Cultura.

Rocha, E. (2003). *Angola: Contribuição ao Estudo da Génese do Nacionalismo Moderno Angolano (período 1950-1964)*. Kilombelombe.

Sanyal, S. (2014). *Revolutionary Pamphlets, Propaganda and Political Culture in Colonial Bengal*. Cambridge University Press.

Santos, A. M. dos, Freiberger, R. L., Tenconi, D., Leffer, D. M., & Escher, A. A. (2022). Didática –

Análise conceitual. *Revista Foco*, 15(2), e390. https://doi.org/10.54751/revistafoco.v15n2-029.
Stöcker, K. (1973). *Princípios de didáctica moderna* (J. J. Thomas, Trad.). Kapelusz.
Titone, R. (1968). *Metodologia didática*. Ediciones Rialp.